Lusíada
Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Azevedo, Orlando Pedro Herculano Seixas de, 1963-

Gosto disto : como que explorando o sentido de venusta e o quanto importa criar uma condição que tudo atrai

http://hdl.handle.net/11067/7682
https://doi.org/10.34628/4tjj-bv65

Metadados

Data de Publicação	2024
Tipo	bookPart
Editora	Universidade Lusíada Editora
ISBN	978-898-640-249-2

Esta página foi gerada automaticamente em 2025-01-22T07:43:13Z com informação proveniente do Repositório

http://repositorio.ulusiada.pt

Gosto Disto: como que explorando o sentido de Venustas e o quanto importa criar uma condição que tudo atrai

Orlando Seixas Azevedo
DOI: https://doi.org/10.34628/4tjj-bv65

Gosto Disto é uma afirmação que exprime uma primeira adesão e, com isso, cria uma hipótese de laço. Já nós, num instante irrecusável, vemos alguém como Leonardo da Vinci a desenhar um arquétipo da cultura ocidental – símbolo e padrão –, uma afirmação como momento final que esclarece sobre um enlace intemporal.

Uma aposta em Leonardo

A representação que, por volta de 1490, Leonardo da Vinci fez do "Homem Vitruviano", expõe um conjunto de ideais, os quais, para além de proporções, unem ciência, arte e filosofia. A representação exprime que a noção de conhecimento ali abordada reúne um conjunto de saberes e, mais, que esse conjunto de saberes corre em paralelo com o conhecimento científico. O icónico desenho (fig. 1) manifesta a forma de energia que foi posta naquela intenção. É, por isso, a expressão formal dessa intenção: algo de mágico, como um símbolo, que nos faz meditar sobre a medida de todas as coisas. Esta será uma ideia, ou pensamento inclusivo: aquilo que captamos, uma memória de algo que esquecemos, mas que, perante a afirmação *Gosto Disto*, nos faz ver a fonte dessa expressão.

Gosto Disto é, por isso, uma experiência de intimidade, um reconhecimento perante algo exterior, uma harmonia reveladora de uma

realidade interior ou de uma ordem latente. Apresenta, também, uma realidade filosófica, uma confrontação, uma adesão tanto irrefutável, quanto uma escolha. Simultaneamente, desfaz uma fronteira, fazendo ressoar um paralelo com a estrutura cósmica. O que está em nós, e que, pela ação criativa do ser humano, ressoa nas suas obras é um entendimento sobre quem governa o mundo que o ser humano modela: uma sabedoria. O encontro é propiciado pela luz.

Estamos no campo da fenomenologia, dos desejos terrenos, das humanas limitações e vulnerabilidades. É o equilíbrio entre a natureza humana e a potência de um crescimento espiritual, expressão da dinâmica luta filosófica entre sabedoria e condicionamento humano. Quando se diz *Gosto Disto*, desbloqueia-se qualquer "coisa", um acto que é da natureza da liberdade e da potência do reconhecimento, da relação, da manifestação de uma capacidade de sentir. Vai-se além da beleza física, para se revelar uma intimidade com a existência, no sentido de pertença ou de espelho. De algum modo, é o momento de redenção (libertação ou recuperação de algo perdido), o reconhecimento da autenticidade pela similitude, pela vivência da escolha de dizer *Gosto Disto*, e seguir em frente. Trata-se da procura de um significado perdido e não da posse e do consumo.

Gosto Disto torna-se assim no mundo espiritual que se afirma e que transcende a beleza do mundo físico, um beijo num estado de beleza que é uma intuição espiritual. É o tecido da realidade em que vivemos, que se apresenta e é transformado quando se pronuncia *Gosto Disto*, pois esta é uma afirmação emocional, uma identidade espiritual que assiste a cada um que assim se exprime. Não é uma tentação, mas lança um caminho, uma sequência de pensamentos, que encerra uma intriga e uma reflexão filosófica: estamos perante um engano, uma tentação ou a identidade espiritual. Pensamentos e emoções ficam, assim, enlaçados numa sempre nova reflexão existencial, filosófica ou de tema filosófico. *Gosto Disto* liga-nos à realidade e propõe a delicadeza no instante, bem como a consequente narrativa do instante, na persecução de uma mais profunda intimidade com o suporte da nossa existência. Como se não pudesse haver plena existência sem tomada de partido estético.

Gosto Disto é o princípio de um nível tangível com uma dualidade espiritual e material: o mundo espiritual e material em harmonia, mais profundo, como pertencer ou estar no mundo. O que está na base do tecido da realidade: momento pelo que se apresenta perante nós, o que

foi criado, sem querer nada, sem se desejar nada. Por outras palavras, uma vulnerabilidade perante a limitação humana, ou uma empatia, uma intimidade cósmica, uma harmoniosa associação de correlações. De outro modo ainda: uma vulnerabilidade perante o erro e o trabalho pelo esclarecimento que definem o caminho humano. E a memória material, ou não, do instante.

Gosto Disto deixa-nos com mais perguntas do que respostas. As perguntas vão surgindo e sugerindo diferentes abordagens, descodificações racionais tornadas visuais pelo desenho, ou intelectuais pela psicologia ou filosofia. Dir-se-ia que a Tentação é o querer de algo que existe já, perante nós, na sua forma acabada. O engano é consequência da sedução. O encantamento é um eco, uma reverberação, que pode espoletar um desejo, que será concretizado numa forma a obter, a acontecer. É o desejo como condição indispensável, sem a qual nada surge que possa iniciar um processo de fazer existir.

***Gosto Disto* como manifestação de uma relação criada no encontro**

Ao se dizer *Gosto Disto* realiza-se uma relação entre o nosso espírito, a nossa alma e o mundo criado pelo pensamento ou das ideias consumadas em primeira instância do verbo concretizado. *Gosto Disto*, em certos aspectos, em determinados momentos, perante determinados factos, confirma a presença existencial e material de ideias. Desenhar o que se está a ver é o desenhar comprometido com uma intimidade. É decompor no processo e compor um juízo. A certa altura, é o desenho que apela ao intelecto: o desenho com o espírito, com uma ideia. O desenho sobre a obra e a obra que é o desenho, toma-o este enlace na obra de Leonardo. O desenho que, entretanto, identifica o que realmente surge perante nós. Depois de se proferir o *Gosto Disto*, procura-se dominar essa Venustas, que surge para nós, e o modo como podemos identificá-la com o intuito de a reproduzir ou de repetir. O observar e aderir são uma indução, pois não podemos garantir que, no futuro, como naquele momento, reagiremos do mesmo modo.

O traçado geométrico surge como uma hipótese, como ferramenta provisória, exploratória para procurar a verdade e ampliar o nosso entendimento sobre a realidade ou sobre o real. Um desenho que interpreta, que identifica o que surge perante os nossos olhos: um apelo do intelecto. Trata-se da procura da essência da beleza clássica nos de-

senhos que codificam a busca pela Venustas, mais de que do enquadramento do termo do discurso vitruviano enquadrado trívio em "três caminhos" (linguagem e pensamento crítico – gramática, dialética e retórica), e quadrívio em "quatro caminhos" (números e fenómenos naturais – aritmética, geometria, música e astronomia). É a visão da sabedoria como entendimento profundo do mundo e do ser humano. Aí, a beleza resulta de uma harmonia de forma e uso que se dá à coisa ou à contemplação como ideal estético.

Fig. 1 – Extraído de, Leonardo, Taschem – Jornal Público, 2004

Sendo este desenho executado cerca de mil e quinhentos anos depois da obra de Vitrúvio, nele se exprime e renasce um conhecimento antigo. Também o período clássico de Péricles antecede em dois mil anos o referido desenho. Contudo, nas obras da Grécia antiga reverbera uma sabedoria mais antiga ainda. Ainda assim, há de comum entre Vitrúvio e Leonardo a hipótese de uma convenção de um ideal de beleza, em que a expressão *Gosto Disto* manifesta uma adesão sincera.

Apesar de todas as diferenças sociais, económicas, históricas exis-

tentes entre os gregos, os romanos e nós, subsistem estruturas antropológicas idênticas que, pela arte, são trazidas à consciência. As ordens gregas, ditadas pelas proporções do corpo humano, são usadas para configurar templos dedicados a Deuses, também eles masculinos ou femininos. No entanto, já não é de isso, exatamente, que trata a ilustração de Leonardo. Pela ação, pelo artifício da descodificação racional da arte, que se espelha, como esta, enquanto obra prospetiva, é uma expressão do belo universal. O belo está presente na manifestação da nossa própria estrutura na obra realizada. Vitrúvio, no seu termo *Venustas*, visto com outro alcance, é tornado (tomado por ou feito) contemporâneo pelo espírito renascentista, com eco na hodiernidade da outra figura (fig. 2).

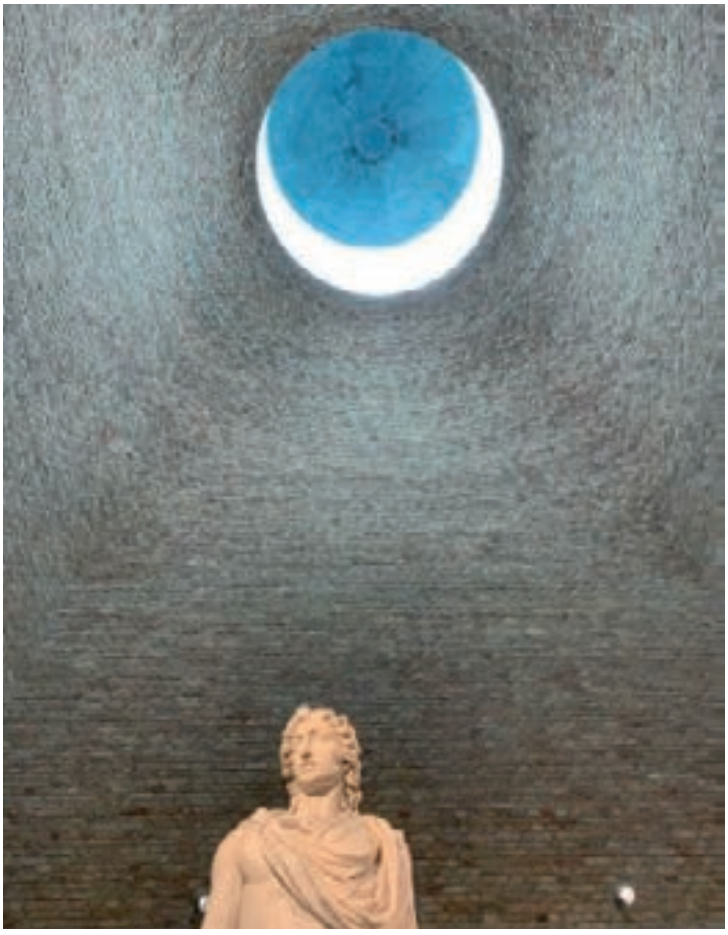

Fig. 2 – Imagem nossa, Neus Museum, Projeto de David Chipperfield, Junho 2022

Ora, indo mais para a frente, hoje tomaremos com valor a expressão *Gosto Disto*, procurando ilustrá-la numa atmosfera indefinida para que possa acolher novas figurações. Uma outra, nova figura (fig. 3) cumpre o investimento e a revelação das duas primeiras (fig. 1 e fig. 2), investindo na convicção que na Natureza das coisas se expressa Beleza.[1] O amor é desejo de Beleza, ou *desiderio de Bellezza,* como, diz Trias citando Marcilio Ficino.

Fig. 3 – Imagem nossa, a expressão antropomórfica na Quinta do Almargem, Outubro de 2022

1 "Esta concepção dos florentinos não é em absoluto estática. Um forte dinamismo percorre todos os níveis do ser, fazendo-os comunicar entre si e reflectindo em todos eles a unidade suprema. Trata-se de um movimento, ao mesmo tempo, centrífugo e centrípeto, que leva a expressão e a reconversão na unidade. E é o amor, Eros, o termo que melhor expressa esse movimento: movimento gerador produtivo que continuamente emite seres diversificados; movimento interior de acolhimento anímico e espiritual na própria fonte do ser. O amor, devido a esta duplicidade de extroversão generativa e da introversão contemplativa, possui um duplo rosto, uma dupla figura contraproposta: é, por um lado, amor gerador, poético, produtivo; e, por outro, amor espiritual, intelectual, contemplativo. O primeiro tem raízes no princípio vital, alma, e constitui a força, o princípio vital desta, Eros, como princípio anímico de vida, geração e de reprodução; o segundo tem a sua sede no princípio espiritual, a inteligência, e constitui o modo mais autêntico que a criatura, e, em particular, o homem, tem de travar contacto com a divindade, com o Uno." (Trias 2005, "Doutrina do amor e da beleza", pp. 63-64)

Da tríade vitruviana, Beleza, Uso, Estrutura, e além da tradição arquitetónica clássica com proporção, simetria e equilíbrio, das proporções herdadas dos gregos, a Venustas reflete sempre o espírito de uma época. Posto que *Gosto Disto* é, também, a revelação desse lado sensitivo de uma época, que ao dia de hoje, mais do que contrapormos, prosseguimos a espessar com novos termos, em que claramente destacamos o "sinistro" e "sublime".[2] Vivemos rodeados de obras que evocam o mistério e o desconforto, o desafio à compreensão racional. Essa consciência que nos permite identificar que o terror está presente, mas é controlado, permitindo ao sujeito um prazer intelectual ao contemplar o poder avassalador da natureza do universo. Envolve um misto de terror e de admiração com um elemento de superação ou elevação espiritual e intelectual.

Com este sentido apresentamos o *Gosto Disto*, com uma condição presente, que, além de tudo o mais, subsiste entre o sinistro e o sublime. Estivemos, assim, na companhia de três tempos históricos: o de Vitrúvio, no termo Venustas; o de Leonardo, no desenho; o da hodiernidade, filha da contemporaneidade dos séculos XIX, XX e XXI. No *Gosto Disto*, está a aceitação de um convite a viver a realidade, em assumir uma inevitabilidade de viver a liberdade de aderir ou de recusar, e, com isso, viver uma sequência temporal consequente. *Gosto Disto*, como uma expressão de simpatia, em que essa adesão, tida por um Amor, sê-lo-á na medida do que tomamos por Bem e, num eco de Santo Agostinho, por Belo. Expressões como "que bela que foi a nossa conversa" ou "que belo pôr-do-sol" têm em comum uma empatia, gerando tangências com uma reconciliação com o mundo, um mundo dos outros e um mundo de ordem cósmica. Este belo aqui e belo acolá ocorre quando percorremos

2 Para enquadramento do que destacámos, tomámos o termo sinistro no âmbito da experiência do inquietante, do perturbador, do estranho, daquilo que é, ao mesmo tempo, familiar e estranho, que provoca um misto de atração e repulsão.
Tanto quanto nos é dado ver, o mundo aceita, tanto quanto pode aceitar ou devia aceitar, o sinistro, no seu espectro mais psicológico, ligado à manifestação de uma inquietação e ao desconforto íntimo, criando uma experiência estética que vai além do simples Belo ou do sublime, tocando no aterrorizante e no perturbador que habita o familiar.
Tomamos o termo Sublime numa moldura estética, relacionada com o que é poderoso, muitas vezes aterrorizante, mas que provoca admiração e elevação na mente humana. Convoca experiências que nos fazem sentir pequenos diante de algo imenso e incompreensível, como a vastidão de uma montanha ou uma tempestade violenta.
O terror está presente, mas é controlado, permitindo ao sujeito um prazer intelectual ao contemplar o poder avassalador da natureza do universo. Envolve um misto de terror e de admiração com um elemento de superação ou elevação espiritual.

os vários níveis do ser, como nos faz ver Trias. Essa comunhão é uma unidade suprema, o Supremo sentido de unidade. Essa pressão, *Gosto Disto*, comporta em si o reconhecimento de que algo é expressivo e inspirador. Estes são também aspetos da Venustas.

Gosto Disto, visto assim em grande, gera em nós um sorriso, termina com a legitimidade da ampliação remetida à condição de fantasia sem realidade. Mas não na prática de procurar o que há de fantasia na realidade, tanto quanto custa o desafio de criar ou, mais ambiciosamente, realizar, na realidade uma fantasia. A figura 1 é símbolo e arquétipo da relação entre ser humano e cosmos, ou da harmonia entre o corpo humano e o cosmos, também chamado Mandala Antropomórfica. É a manifestação de um processo de ascensão espiritual, um corpo de luz. Este arquétipo incorpora em si o potencial espiritual e material do universo. Um vislumbre de forças opostas: o espiritual e o terreno, o racional e o intuitivo. Homem universal ou homem cósmico, a unidade entre humano e divino, uma representação, um reflexo microcósmico do universo.

Talvez importe ver no desenho de Leonardo o modo como ele propõe uma nova geração. Olhando ele o que foi feito, propõe subtilmente um devir, até porque o centro não era já o umbigo no desenho da figura humana, mas o ser humano no seu todo. O *homem vitruviano*, que, afinal, é de Leonardo, pertence àquela categoria de desenhos que pensam o futuro, embora se fundamentem num tempo anterior. Esses são desenhos que se afinam com o que se lhes segue. Por inerência, procuram mudar o presente sem alterar o passado; sonham um futuro. Desenhar, para melhor entender. Será o desenho a suportar a transmissão de um conhecimento, o desenho a sonhar o desafio seguinte. Será o desenho a exprimir visualmente a escrita de um pensamento, o desafio intelectual de nos reconhecer, de nos ver inscritos. Este desenho identifica a potência contida, desvelando, mais uma vez, a expressão de um tempo que pensa o seguinte, ideia titubeante em tantos textos revolucionários, tal como expressamente presente na obra de Walter Benjamim. *Gosto Disto* manifesta uma adesão, e logo impõe uma reflexão no reconhecimento, ou edificação, de um sentido. Para que a acção seja de maior impacto, toma um ícone matricial, toma um regulador incontestado do mundo clássico e, sobre ele, exerce uma ação, reveladora de uma virtude. Assim mesmo foi o texto de Vitrúvio que ele escolheu para suportar o sonho de uma nova geração. No seu trabalho, Leonardo plasmou o invisível como manifestação parceira do visível.

A escolha de Leonardo

Ultrapassado que foi pela proposta de Leonardo, mas ainda assim retomado na ilustração de Fra Giocondo (1511), tomado por nós como o Homem Triste, na sua condição ou aquele esforço contra-natura, nos desenhos do Homem Vitruviano de Cesare Cesariano (1521), em que os pés ficavam barbatanas para se cumprir o texto do Vitrúvio, tinham esses registos o homem como figura e não a representação multidimensional a que Leonardo alude anos antes. A proposta de belo que o Leonardo apresenta, e à qual aderimos com um *Gosto Disto*, apresenta o Homem e, potencialmente, as suas obras, como espelho de si, na harmonia que se identifica superlativa e intrínseca, real e multidimensional.

Leonardo apresenta uma nova proposta. A nós, parece-nos que, agora, o belo não é a Venustas das regras e matrizes da razão matemática, da medida, conforme expressava o texto vitruviano, quando se refere ao número; a polegada, o pé, o côvado. Pelo contrário, o belo lança-se a outras dimensões. A Venustas, sendo uma experiência vivida, não se obtém só no mundo físico. É a experiência do objeto que surge perante nós ou pelo reflexo da luz por esses objecto devolvida aos nossos olhos. De algum modo, em todo o campo não são os originais com que lidamos, mas os reflexos, ou sobras desses originais. E essas são as obras que pensam a geração seguinte.

Ao dizermos *Gosto Disto*, estamos a aderir, ou a reagir, a uma proposta de mudança, em que, ao reconhecer o que era, incorporamos a geração seguinte. Se considerarmos que há uma origem para uma deriva, da reprodução e cópia, da *mimesis*, da figuração à abstracção, diríamos que foram precisos mais 500 anos sobre o desenho de Leonardo, para surgirem as propostas de representação de Magritte e dos seus contemporâneos, com as suas obras a sonharem e a forjarem uma geração futura. Diríamos que, aqui, o Belo assenta na liberdade de sonhar uma geração futura. Como desde sempre e cada vez mais, o registo do indizível é manifestado por poetas e artistas, que precisamente nutrem esse trabalho.

O Homem Vitruviano, descrito por Vitrúvio, é um modelo de *Decorum, Symetria* e *Proporção*. A ilustração do Leonardo, com uma grande clareza e síntese, apresenta a virtude de uma transformação em curso, esclarece o Renascimento. Tanto quanto nós aqui e agora, consegui-

mos julgar a subtileza da sua mudança. Será, porventura, a natureza da Renascença que nos reabilita esse Homem Cósmico, narrativamente ilustrado por Frei Giocondo, de Cesare Cesariano a Heinrich Cornelius Agripa, como nos expõem a obra de Vaughan Hart e Peter Hicks (1998), mas que consideramos que a razão do ausente desenho de Leonardo deste relato, reside precisamente no distinto e elegante retrato que ele faz da complexa realidade. É a elegância de tocar gentilmente, ou quanto baste, com a ponta dos dedos, o quadrado e o círculo, definindo o ângulo e a posição do corpo, a postura, definindo visualmente onde esse encontro ocorre. O desenho, em si, não se memoriza como um texto alfanumérico, mas como símbolo, pois articula o mundo inteligível com o mundo sensível, plenamente apreendido, diríamos nós, aquele que permanece mais contemporâneo. Não será por acaso que ficou o mais conhecido nos círculos de divulgação comuns

Mas, não obstante todas estas intuições, subsiste uma outra diferença, repetindo, insistindo, na mais original das afirmações, de que o homem é o templo.

Gosto disto...

Bibliografia

Marcus Vitrúvius Pollio (Dez Livros de Arquitetura)

Vaughan Hart e Peter Hicks, Paper Palaces The Raise of the Renaissance Architetctural Treatise, editado por - Yale University Press, 1998, ISBN 0-300-07530-8

M. W. Maciel, Vitrúvio, Tratado de Arquitetura, tradução de M. W. Maciel e ilustrações de Thomas Noble Howe, IST Press, 2006, (ISBN 972-8469-43-8)

Eugénio Trías, o belo e o sinistro, Edição Sociedade Unipessoal, colecção Fim de Século, 2005